

*Palavras, frases, números, distância até ao destino.*

O homem premiu o botão, e as costas do assento baixaram, abandonando a posição erecta. Deu por si de rosto voltado para o alto, de olhos postos no mais próximo dos pequenos ecrãs situados logo abaixo das bagageiras do tecto, palavras e números a mudarem constantemente à medida que o voo decorria. Altitude, temperatura do ar, velocidade, hora de chegada. Embora tivesse sono, não parava de olhar.

Heure à Paris. Heure à Londres.

— Repara — disse ele, e a mulher assentiu vagamente com a cabeça, mas continuou a escrever num caderninho azul.

Ele começou a recitar as palavras e os números em voz alta, já que não fazia sentido, não exercia efeito algum, limitar-se a reparar nos pormenores em constante mutação apenas para perder cada um deles de imediato no zumbido simultâneo da mente e do avião.

— Muito bem. Altitude dez mil e cinquenta e nove metros. Precisão absoluta — disse. — Température extérieure cinquenta e oito C negativos.

Fez uma pausa, esperando que ela dissesse Celsius, mas ela manteve os olhos fixos no caderno pousado no tabuleiro rebatível à sua frente e reflectiu um pouco antes de continuar a escrever.

— Muito bem. Tempo em Nova Iorque doze e cinquenta e cinco. Não diz se é meio-dia ou meia-noite. Não é que precisemos que nos digam.

Dormir, eis a questão. Ele precisava de dormir. Mas a torrente de palavras e de números não cessava.

— Hora de chegada dezasseis e trinta e dois. Velocidade setecentos e cinquenta e oito km/h. Tempo até ao destino três e trinta e quatro.

— Estou a pensar no prato principal — disse ela. — Estou também a pensar no champanhe com sumo de arando.

— Mas não o chegaste a pedir.

— Pareceu-me pretensioso. Mas já estou a antegozar os *scones*, mais daqui a bocado, ainda durante o voo.

Ela falava e escrevia ao mesmo tempo.

— Gosto de pronunciar a palavra como deve ser — disse. — Um *o* abreviado. Como em escola ou gola. Ou o *o* de *scone* será como em esconde?

Ele observava-a enquanto ela escrevia. Estaria a tomar nota do que ia dizendo, do que ambos diziam?

— Celsius — disse ela. — Com *C* maiúsculo. Era o nome de alguém. Não me lembro do nome próprio.

— Muito bem. Então e vitesse. O que quer dizer vitesse?

— Estou a pensar em Celsius e na obra dele em torno da medição da temperatura em graus centígrados.

— Ainda há o Fahrenheit.

— Ainda há mais esse.

— O que quer dizer vitesse?

— O quê?

— Vitesse.

— Vitesse. Velocidade — respondeu ela.

— Vitesse. Setecentos e quarenta e oito *km* à hora.

Ele chamava-se Jim Kripps. Porém, durante as longas horas daquele voo, o nome dele era o número do seu lugar. Era a sua rotina arreigada, um hábito muito seu, em harmonia com o número impresso no cartão de embarque.

- Era sueco — disse ela.
- Quem?
- O Sr. Celsius.
- Deste uma olhadela à socapa ao telemóvel?
- Sabes como estas coisas acontecem.
- Surgem à tona, vindas da memória profunda. E quando o nome próprio desse homem te vier à cabeça, vou começar a sentir a pressão.
- Mas que pressão?
- A pressão para me lembrar do nome próprio do Sr. Fahrenheit.
- Regressa ao teu ecrã nas alturas do céu — disse ela.
- Este voo. Todos os voos de longo curso. Tantas horas. É um sentimento mais profundo do que o simples tédio.
- Liga o teu *tablet*. Vê um filme.
- Apetece-me falar. Não quero auscultadores. Ambos temos vontade de falar.
- Nada de auscultadores nos ouvidos — acudiu ela. — Falar e escrever.

Era a mulher de Jim, Tessa Berens, de pele morena, de origem caribenha-europeia-asiática, uma poetisa cujas obras surgiam com frequência nas páginas das revistas literárias. Também passava tempo, *online*, como editora de um grupo de aconselhamento que respondia às dúvidas dos assinantes acerca de temas abarcando desde a perda de audição até ao equilíbrio corporal, passando pela demência.

Aquí, nas alturas, muito do que os membros do casal diziam um ao outro parecia ser função de um qualquer processo automatizado, comentários gerados pela natureza das próprias viagens aéreas. Não havia ali as divagações das pessoas em salas de estar, em restaurantes, onde os movimentos amplos são coarctados pela gravidade, enquanto as conversas pairam livremente. Longas horas a sobrevoar os oceanos ou os vastos continentes, frases aparadas, como que encapsuladas em si próprias, passageiros, pilotos, assistentes de bordo, todas as

palavras esquecidas assim que o avião pousa no asfalto e começa a rolar infundavelmente ao encontro de uma manga de desembarque livre.

Somente ele se iria recordar de uma parte disto, pensou, a meio da noite, na cama, imagens de pessoas adormecidas, enroscadas em mantas da companhia aérea, dir-se-iam cadáveres, a assistente de bordo, uma mulher alta, a perguntar se lhe podia encher novamente o copo de vinho, o voo a chegar ao fim, o aviso para apertar os cintos de segurança a apagar-se, a impressão de libertação, os passageiros de pé nas coxias, à espera, os assistentes de bordo junto à porta de saída, uma torrente de obrigados e de acenos de cabeça, os sorrisos de um milhão de milhas aéreas.

— Procura um filme. Vê um filme.

— Tenho demasiado sono. Distância até ao destino dois mil quinhentos e setenta e seis quilómetros. Hora em Londres dezoito zero quatro. Velocidade setecentos e quarenta e oito km/h. Estou a ler tudo o que aparece. Durée du vol três quarenta e cinco.

— A que horas é o jogo? — perguntou ela.

— O pontapé de saída é às seis e meia.

— Chegamos a casa a horas?

— Não li já isso no ecrã? Hora de chegada tal e tal.

— Aterramos em Newark, não te esqueças.

O jogo. Numa outra vida, ela talvez estivesse interessada. O voo. Ela queria chegar ao lugar de destino sem este episódio intermédio. Alguém gosta de voos de longo curso? Manifestamente, ela não era esse alguém.

— Heure à Paris dezanove zero oito — disse ele. — Heure à Londres dezoito zero oito. Velocidade setecentos e quarenta e cinco km/h. Acabámos de perder três quilómetros por hora.

— Muito bem, vou dizer-te o que estou a escrever. É muito simples. Algumas das coisas que vimos.

— Em que língua?

— Inglês elementar. Um-dó-li-tá.

— Trouxemos panfletos, brochuras, volumes inteiros.

— Quero ver isto escrito na minha caligrafia, talvez dentro de vinte anos, se ainda for viva, para descobrir um elemento em falta, alguma coisa que me escapa neste momento, se ainda estivermos todos vivos, daqui a vinte anos, dez anos.

— A matar o tempo. Também há isso.

— Matar o tempo. Apanhar secas. Viver a vida.

— Muito bem. *Température extérieure* cinquenta e sete F negativos — disse ele. — Estou a fazer os possíveis para pronunciar bem este meu francês rudimentar. Distância até ao destino dois mil quinhentos e trinta e nove quilómetros. Devíamos ter contactado o serviço de carros com motorista.

— Metemo-nos num táxi.

— Esta gente toda, um voo assim. Têm carros à espera. A correria para as saídas. Sabem exactamente para onde ir.

— Eles meteram bagagens no porão, a maioria, alguns, pelo menos. Nós não. Estamos em vantagem.

— Hora em Londres dezoito e onze. Hora de chegada dezasseis e trinta e dois. É a mesma hora de chegada da última vez. Tranquilizador, acho. Hora em Paris dezanove e onze. Altitude dez mil e cinquenta e nove metros. *Durée du vol* três e dezasseis.

Dizer em voz alta as palavras e os números, falar, pormenorizar, permitia que estes indicadores perdurassem um pouco, oficialmente registados ou voluntariamente registados — o acervo audível, pensou ele, do onde e do quando.

— Fecha os olhos — pediu ela.

— Muito bem. Velocidade setecentos e sessenta e seis quilómetros por hora. Tempo até ao destino.

A boa ideia foi dela, é melhor não despacharmos as malas para o porão, podemos metê-las nas bagageiras do tecto. Ele olhou para o ecrã e pensou no jogo, fugazmente, sem se lembrar de contra quem é que os Titans iam jogar.

Hora de chegada dezasseis e trinta. *Température extérieure* quarenta e sete C negativos. Hora em Paris vinte e treze. Altitude dez mil trezentos e sessenta e três metros. Ele achava